

O RURAL NAS PERSPECTIVAS POLÍTICA E POÉTICA: uma breve análise de discurso

THE RURAL SCENE ACCORDING TO POLITICAL AND POETIC PERSPECTIVES: a brief discourse analysis

Ana Maria Dantas de MAIO¹

Resumo: Este estudo busca compreender como diferentes gêneros discursivos constroem sentido para o termo rural em dispositivos midiáticos. Para isso, utiliza a abordagem discursiva para avaliar dois enunciados: uma postagem da ex-ministra da Agricultura Kátia Abreu no Facebook e um poema de Manoel de Barros, publicado em livro e no site da revista Globo Rural. O rural do discurso político destaca o espaço de produção de alimentos, de trabalho duro e que precisa ser reconhecido pelo meio urbano; no discurso poético, o rural se apegua à natureza: as aves, os rios, os animais. Os dois rurais se confrontam no mundo real, na medida em que o avanço de um deles representa a decadência do outro.

Palavras-chave: Rural; ruralidade; análise de discurso; discurso político; discurso poético.

Abstract: This study seeks to understand how different discursive genres construct meaning for the rural scene in media devices. To that end it adopts a discursive approach to evaluate two statements: a post on Facebook by former Agriculture Minister Kátia Abreu and a poem by Manoel de Barros, published in a book and on the website of Globo Rural, a magazine. The political discourse highlights the space for food production, hard work and that needs to be recognized by the urban environment. In poetic discourse, rural is attached to nature: birds, rivers, animals. The two rural scenes are confronted in the real world, insofar as the advance of one of them represents the decadence of the other.

Keywords: Rural scene; rurality; discourse analysis; political speech; poetic speech.

¹ Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Jornalista da Embrapa Pantanal desde 2007. Supervisora do Comitê Local de Publicações da Embrapa Pantanal desde fevereiro de 2017. E-mail: anamaio@uol.com.br

Introdução

O entendimento do conceito de ruralidade tem evoluído à medida que a sociedade se transforma. Já na década de 1990, estudos desenvolvidos no Brasil apontam para a noção de *rural* descolada do conceito estrito de agrícola e agregada a serviços que atendem ou se relacionam ao espaço do campo (IZIQUE, 2000). Rural e urbano estão cada vez mais próximos e a sociedade contemporânea se apropria da ruralidade para identificar propósitos (ex: bancada ruralista), lançar serviços (ex: Banco Rural, Canal Rural) ou, simplesmente, contextualizar narrativas (ex: novelas O Rei do Gado, Pantanal; romances Grande Sertão Veredas, Lavoura Arcaica, Fogo Morto, A Bagaceira, entre outros).

Este mesmo rural se incorpora aos discursos hodiernos de formas distintas. O objetivo deste estudo é avaliar, por meio de abordagens discursivas e comunicacionais, como o discurso político e o discurso poético abordam o rural em narrativas disponibilizadas em canais midiáticos: livros, uma publicação no site da revista Globo Rural e uma postagem da rede social *Facebook*.

A ruralidade persiste em minha vida profissional desde 1995, quando assumi a assessoria de comunicação de uma cooperativa de café no interior de São Paulo e editava, em um jornal diário, um suplemento rural semanal. Ainda hoje, atuo na comunicação de uma empresa de pesquisa agropecuária. Na vida acadêmica, o rural persistiu e tornou-se tema de minha dissertação de mestrado (MAIO, 2005), coadjuvante de minha tese de doutorado (MAIO, 2016) e assunto de artigos científicos publicados ao longo dos anos.

A abordagem discursiva me forneceu os instrumentos e o conhecimento necessários para interpretar os enunciados e as circunstâncias em que foram publicados. Concluo que os distintos sentidos atribuídos ao rural são legítimos e coexistem. O discurso político exalta a ruralidade que impulsiona a economia, enquanto o discurso poético destaca a natureza – sem deixar de reconhecer a relevância da atividade econômica que envolve esse complexo ambiente.

Procedimentos teórico-metodológicos

A pesquisa bibliográfica e as revisões de literatura sobre diferentes perspectivas da análise de discurso, teorias da linguagem e comunicação representam o alicerce desta pesquisa, em que busco apresentar uma leitura – entre tantas outras possíveis – sobre a noção do rural que permeia diferentes discursos na contemporaneidade e que podem ser relevantes para a intersecção dos estudos de comunicação e ruralidade.

A procura pelos enunciados analisados foi intencional e aconteceu no final de maio de 2017 pela plataforma de busca Google. A princípio, pesquisei ícones da bancada ruralista no Congresso Nacional, por considerar que a visão deste público poderia enriquecer o trabalho. Fiquei em dúvida entre analisar enunciados dos senadores Ronaldo Caiado (DEM) ou Kátia Abreu (PMDB). No entanto, o texto da ex-ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e o contexto em que o discurso foi proferido mostraram-se mais interessantes.

O conhecimento sobre a obra do poeta pantaneiro Manoel de Barros estimulou a curiosidade de saber como este artista enxergava e comunicava o rural. A ideia de comparar o mesmo tema em diferentes gêneros de discurso e dispositivos midiáticos brotou naturalmente.

Entendo a análise de discurso (AD) como uma teoria, uma metodologia e uma ferramenta de fundamental importância para a pesquisa em comunicação. Autores da escola francesa, como Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau, são inspiradores para estudiosos da AD, que podem compreender os processos comunicacionais por meio da aproximação desta ciência com a linguística. O estudo contempla ainda a visão do discurso materialista de Eni Orlandi, tradutora do também francês Michel Pêcheux; a semiótica discursiva de José Luiz Fiorin; a Análise Crítica de Discurso (ACD) do holandês Teun van Dijk, centrada em aspectos ideológicos e com farto instrumental metodológico; além dos estudos comunicacionais envolvendo o *ethos* do brasileiro Muniz Sodré. Desta maneira, essa pesquisa reflete funcionamentos variados, centrados ora nos textos e ora nos efeitos de sentido que neles se produzem. É a interdisciplinaridade me convidando para mais uma rodada de aprendizado.

Quando o contexto diz mais que o texto

Uma das definições mais claras que encontrei sobre discurso está no Dicionário de Análise do Discurso e é atribuída a Adam (1999, p. 39 apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 169): “O discurso é concebido como a inclusão do texto em seu contexto (= condições de produção e de recepção).” Depreendo, daí, que a análise de discurso persegue a compreensão do que se fala por meio da investigação das circunstâncias em que se fala. De origem francesa, essa teoria – que por vezes se confunde com uma metodologia – tem sido adotada por diversas ciências como suporte para o entendimento da construção e atribuição de sentidos. Para Orlandi (2001, p. 117),

a análise de discurso não é um método de interpretação, não atribui nenhum sentido ao texto. O que ela faz é problematizar a relação com o texto, procurando apenas explicitar os processos de significação que nele estão configurados, os mecanismos de produção de sentidos que estão funcionando. Compreender, na perspectiva discursiva, não é, pois, atribuir um sentido, mas conhecer os mecanismos pelos quais se põe em jogo um determinado processo de significação.

O processo de análise passa, necessariamente, pelo conhecimento das condições de produção discursiva. Como analista, devo apurar o maior número possível de variáveis contextuais que possam ter interferido em determinada fala: quem disse, quando disse, onde foi dito, como foi dito, o que foi dito, o que não foi dito (silêncio), a ideologia que sustenta o dito, para quem foi dito, leituras possíveis do dizer, enfim, há um sem número de questões que se apresentam durante uma análise e contribuem para um complexo trabalho de interpretação.

Segundo Pinto (1999, p. 23), “a análise de discursos não se interessa tanto pelo que o texto diz ou mostra, pois não é uma interpretação semântica de conteúdos, mas sim em como e por que o diz e mostra”. E continua: “não se esgota na análise imanente dos textos, [...], pois ela só se completa com a fase de contextualização” (PINTO, 1999, p. 25).

Um estratagema que pode viabilizar essa busca de sentidos é a tipologia dos discursos. Ao classificar um enunciado dentro de uma determinada categoria, consigo emoldurar aquela fala, direcionando sua interpretação. Os gêneros de discurso, propostos e categorizados por diversos estudiosos da AD, facilitam a tarefa de enquadramento e análise. Para o filósofo Bakhtin (1997), a utilização da língua está atrelada às diversas atividades humanas, que acabam por definir o conteúdo temático, o

estilo e a construção composicional do que é dito. “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 1997, p. 279, grifos do autor).

Nesta pesquisa, a análise recai sobre o discurso político e o discurso poético. Blikstein (2006, p. 119) aponta que no discurso político, assim como no empresarial, “a mensagem deve criar uma imagem positiva, mostrando a instituição como uma organização competente, ética e transparente”. O autor defende que todo discurso tem seu lado direito e seu lado avesso, construídos a partir da manipulação de signos “por meio de uma narrativa marcada por estereótipos e incoerências semânticas” (Idem). A busca pela legitimação é característica *sine qua non* do discurso político, que tenta se valer do *ethos* de credibilidade para externar relações de poder.

Antes de aprofundar a discussão sobre os *ethé* construídos pelos enunciadores (ou atribuídos pelos enunciatários), proponho uma breve caracterização do discurso poético, uma das variações do discurso literário. Para Azevedo (2004, p. 3),

[...] o discurso poético, o texto literário por definição, pode e deve ser subjetivo; pode inventar palavras; pode transgredir as normas oficiais da Língua; pode criar ritmos inesperados e explorar sonoridades entre palavras; pode brincar com trocadilhos e duplos sentidos; pode recorrer a metáforas, metonímias, sinédoques e ironias; pode ser simbólico; pode ser propositalmente ambíguo e até mesmo obscuro. Tal tipo de discurso tende à plurissignificação, à conotação, almeja que diferentes leitores possam chegar a diferentes interpretações. É possível dizer que quanto mais leituras um texto literário suscitar, maior será sua qualidade.

Menos interessado em convencer ou persuadir, o discurso poético parece induzir seus interlocutores à reflexão; flerta com a ficção – sem descartar possíveis mergulhos por (auto)biografias, afastando-se da objetividade e produzindo certo encantamento. A autoria é um elemento determinante do discurso poético, pois imprime ao enunciado um estilo individual e personalizado, diferente de gêneros mais engessados e padronizados, inibidores da individualidade (BAKHTIN, 1997). O poeta Manoel de Barros brinca com as palavras como quem joga bola de gude no quintal.

Os dois gêneros discursivos – político e poético – se valem, com muita propriedade, do interdiscurso ou dialogismo. A análise de discurso preconiza que nenhum texto é puro; ele se constrói a partir da relação com outros discursos. Essa

relação permite vasculhar vestígios que indiquem posicionamentos, ideologias e preferências do enunciador; essas pistas podem estar implícitas na escolha lexical, nas entonações, no silenciamento, na topicalização de informações², no dispositivo utilizado, enfim, há uma série de elementos que nós, analistas, devemos considerar.

O que a AD chama de interdiscursividade coincide com o que a teórico da linguagem Bakhtin denomina dialogismo. Para Fiorin (2013, p. 64), “dialogismo significa que um discurso se constitui em oposição a outro. Portanto, ele é heterogêneo: um discurso mostra a si mesmo e seu contrário”. O sentido dialógico é construído a partir de múltiplas vozes (polifonia) – a simples escolha de uma palavra significa que ela faz parte de um repertório composto por discursos anteriores.

Todas essas particularidades fazem da análise de discurso uma teoria compulsória para estudiosos do *ethos* discursivo. Mas o que é *ethos*? Para Charaudeau (2008, p. 113), *ethos* “[...] é o que permite ao orador parecer ‘digno de fé’, mostrar-se fidedigno [...]”. O pesquisador Muniz Sodré (2002, p. 46, grifo do autor) pondera que

O *ethos* de um indivíduo ou de um grupo é a maneira ou o jeito de agir, isto é, toda a ação rotineira ou costumeira, que implica *contingência*, quer dizer, a vida definida pelo jogo aleatório de carências e interesses, em oposição ao que se apresenta como necessário, como dever-ser.

As duas definições me desafiam a refletir. Por um lado, o *ethos* seria involuntário, ou seja, independeria apenas das intenções manifestadas pelo orador porque esse “jeito de ser” estaria inscrito em sua personalidade, individual ou coletiva. Carências e interesses podem ser silenciados para preservar imagens. Por outro, o *ethos* seria uma construção discursiva do enunciador baseada em suas necessidades, na mensagem que quer transmitir, no efeito que procura causar, na percepção que tem dos interlocutores, na legitimidade de sua fala, entre outras.

De acordo com Charaudeau (2008, p. 115), “o *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê”. A biografia do locutor e a cena comunicacional,

² De acordo com van Dijk (2005, p. 164), o destaque a um elemento do texto pode ser percebido quando a informação aparece em “posição tópica, ou seja, em orações principais e em posição inicial”. Um título, por exemplo, exprime uma topicalização.

hidratadas pelo contexto histórico, social e cultural, constituem elementos fundamentais para determinar os *ethé* apresentado e camuflado, que a AD – com seu arcabouço teórico-metodológico – permite investigar. Kátia Abreu e Manoel de Barros apresentam *ethé* diferenciados aos meus olhos, conforme será discutido na próxima seção.

A discussão teórica envolve, por fim, a relevância dos dispositivos de encenação. Como a AD pressupõe o estudo do contexto da fala, faz-se necessária a avaliação do suporte midiático que veicula o enunciado. “Todo dispositivo formata a mensagem e, com isso, contribui para lhe conferir um sentido” (CHARAUDEAU, 2006, p. 105). O mesmo enunciado provoca diferentes leituras se tiver como suporte físico as ondas do rádio, o computador, um bilhete, um jornal impresso, um cartaz ou mesmo a comunicação face a face.

Essa arguição me faz lembrar da famosa frase de Marshall McLuhan – “o meio é a mensagem” – analisada criteriosamente por Sodré (2006, p. 19):

Mas quando se admite que “o meio   a mensagem”, está se dizendo que há sentido no próprio meio, logo, que a forma tecnológica equivale ao cont duo e, portanto, não mais veicula ou transporta cont duos-mensagens de uma matriz de significac es (uma “ideologia”) externa ao sistema, já que a própria forma   essa matriz. Tal   o sentido ou o “cont duo” da tecnologia: uma forma de codifica o hegem nica, que interv m culturalmente na vida social, dentro de um novo mundo sensível criado pela reprodu o imaterial das coisas, pelo divórcio entre forma e matéria.

Apartados da condi o de isen o, os meios também significam. Originalmente, o poeta publicou livros, um tipo de dispositivo tradicional para disseminar poesia. Entretanto, na era digital, sua obra migra para a rede mundial de computadores, a internet, incorporando nova roupagem e, potencialmente, multiplicando sua visibilidade. A seguir avalio algumas implica es dessa mudança.

A banana, o chão batido de terra e essa ministra

Com a migra o dos enunciados de Manoel de Barros para o suporte digital, o leitor (enunciatário) se transforma em internauta e   brindado com um suposto espaço de interatividade. Curte, porém não interage³. O poema *Auto-retrato Falado* (site) ou

³ Quase três anos após a veicula o dos poemas no site da Globo Rural, permanecem vazios os formulários para comentários dos internautas disponibilizados pela revista. Tr s poesias foram publicadas

Autorretrato Falado (livro) foi publicado pela primeira vez em *O Livro das Ignorâncias*, em 1993. Em 2014, por ocasião da morte de Barros, foi disponibilizado no site da revista Globo Rural, citando como fonte o livro *Poesia Completa*, do mesmo autor; em 2015, foi replicado em *Meu Quintal é Maior do que o Mundo*, obra póstuma (Figura 1).

Figura 1. Poema no site da revista Globo Rural e no livro póstumo

The image shows a side-by-side comparison of the poem 'Auto-retrato falado'. On the left is the version from the website of the magazine Globo Rural, and on the right is the version from the book 'Meu Quintal é Maior do que o Mundo'. The website version includes a title 'Auto-retrato falado' with a small icon of a hand, and a citation at the bottom: '“Poesia Completa”, Editora Leya Brasil, 2013'. The book version has the title 'AUTORRETRATO FALADO' and lacks the citation.

Auto-retrato falado

Venho de um Cuiabá de garimpos e de ruelas entortadas.
Meu pai teve uma venda no Beco da Marinha, onde nasci.
Me criei no Pantanal de Corumbá entre bichos do chão,
aves, pessoas humildes, árvores e rios.
Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar
entre pedras e lagartos.
Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me sinto
meio desonrado e fujo para o Pantanal onde sou
abençoado a garças.
Me procurei a vida inteira e não me achei — pelo que
fui salvo.
Não estou na sarjeta porque herdei uma fazenda de gado.
Os bois me recriam.
Agora eu sou tão ocaso!
Estou na categoria de sofrer do moral porque só faço
coisas inúteis.
No meu morrer tem uma dor de árvore.

“Poesia Completa”, Editora Leya Brasil, 2013

AUTORRETRATO FALADO

Venho de um Cuiabá garimpo e de ruelas entortadas.
Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da
Marinha, onde nasci.
Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do
chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios.
Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de
estar entre pedras e lagartos.
Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.
Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me
sinto como que desonrado e fujo para o
Pantanal onde sou abençoado a garças.
Me procurei a vida inteira e não me achei — pelo
que fui salvo.
Descobri que todos os caminhos levam à ignorância.
Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda de
gado. Os bois me recriam.
Agora eu sou tão ocaso!
Estou na categoria de sofrer do moral, porque só
faço coisas inúteis.
No meu morrer tem uma dor de árvore.

Fontes: Site da revista Globo Rural (3 POEMAS, 2014) e livro *Meu Quintal é Maior do que o Mundo* (BARROS, 2015)

O suporte digital altera a mensagem na medida em que oferece outra forma de acesso ao enunciado, baseada na necessidade de energia elétrica e de conexão à rede mundial de computadores, além de passar da impressão em papel para a apresentação em tela, conduzida por links de navegação que exigem um conhecimento extra do leitor – além da alfabetização. A migração também promove modificações no conteúdo da mensagem.

Algumas palavras do texto original e duas frases inteiras foram suprimidas: “Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz” e “Descobri que todos os

nesse site no dia 13 de novembro de 2014, quando Manoel de Barros morreu. Fiz a consulta no dia 7 de junho de 2017.

caminhos levam à ignorância”⁴. Aparentemente, essas frases não comprometem a AD desta pesquisa, pois não se referem direta ou indiretamente à temática rural. Uma palavra excluída, no entanto, altera. Logo no início do poema em livro, Manoel de Barros conta: “*Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da Marinha, onde nasci*”. A versão digital, “*Meu pai teve uma venda no Beco da Marinha, onde nasci*”, retira a identificação do tipo de produto oferecido na venda que permeou a infância de Barros.

Banana é um produto agrícola que associa o poeta ao ambiente rural desde sempre (“*onde nasci*”). A venda de bananas em um espaço comercial no interior do Mato Grosso no início do século passado remete à ideia do Brasil rural romantizado – ainda que produtivo. “*Uma venda de bananas no Beco da Marinha*” se alinha à ideia de “*quem se sustenta [...] com a horta na chácara*”, perfil mencionado pela ex-ministra Kátia Abreu. Nas duas situações, a atividade agrícola é vinculada a um pequeno negócio, provavelmente de caráter familiar. Na mesma frase, no entanto, a senadora estabelece um contraste com esse personagem rural, referindo-se a grandes agropecuaristas brasileiros: “*quem exporta produtos brasileiros para o mundo*”. Que dispositivo ela utiliza?

O enunciado político foi postado em uma rede social – o *Facebook*, espaço de manifestações informais ocupado por pessoas físicas e jurídicas. Lançada em fevereiro de 2004, essa rede agrega milhões de usuários em todo o mundo. Os interessados criam seus perfis gratuitamente e vão adicionando “amigos” às suas redes de compartilhamento. As páginas pessoais quantificam o número de amigos e as institucionais registram o número de curtidas e seguidores⁵. Esse é o público que potencialmente tem acesso às postagens da senadora e que pode, ou não, replicar suas mensagens para outras redes, multiplicando as visualizações.

Assim como o site da revista *Globo Rural*, o *Facebook* só pode ser acessado a partir de aparelhos conectados à internet, em locais onde há energia elétrica⁶. As

⁴ Não foi possível confirmar se as diferenças entre os dois textos já constavam no livro *Poesia Completa*, citado como fonte da versão digital da revista – o que não inviabiliza a comparação aqui descrita.

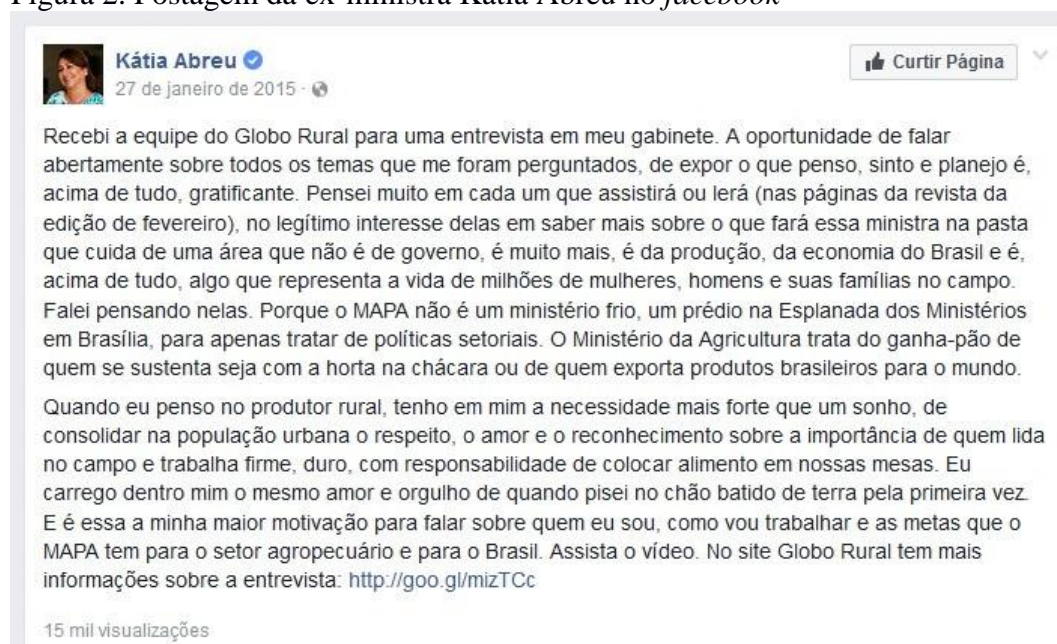
⁵ Em 24 de junho de 2017, a página da senadora Kátia Abreu tinha 77.763 seguidores e 78.599 curtidas.

⁶ Leitores de grandes centros do país podem considerar essa informação óbvia, mas em ambientes rurais e distantes das cidades ainda existem comunidades sem energia elétrica disponível e sem acesso à internet. Mesmo em pequenas localidades do interior do Brasil, a conexão oferecida é precária, o que limita o

postagens não exigem espaço físico para armazenamento, como os livros, porém, não há garantias de perenidade: se não gravada pelo interessado, a mensagem se torna vulnerável, podendo ser apagada pelo próprio autor, por outro usuário (um hacker, o responsável pela rede ou pelo servidor, por exemplo) ou desaparecer por problemas técnicos.

Ao postar na rede social, Kátia Abreu se dirige aos seus milhares de seguidores que, presumivelmente, se interessam pelas (ou se alinham às) ideias da senadora. Existiria uma espécie de “acordo fictício” contemplando o que a autora escreve e o que seu público espera que ela escreva. No dia 27 de janeiro de 2015 ela fez a seguinte postagem para divulgar uma entrevista que concedera à revista Globo Rural (Figura 2):

Figura 2. Postagem da ex-ministra Kátia Abreu no *facebook*



Fonte: *Facebook*.

Os dois enunciados ligam seus autores ao ambiente rural, utilizam a primeira pessoa do singular na maior parte do tempo e buscam palavras afetivas para demonstrar a relação do enunciador com o campo. Sei que os dois são pecuaristas (embora ela não

acesso. De acordo com a pesquisa TIC Domicílios, 58% da população brasileira usam a internet – o que significa que 42% ainda não têm acesso (BOCCHINI, 2016). Não considero esse número desprezível.

explícite isso no enunciado). Mas é nas diferenças que se encontram revelações mais significativas para estudos da comunicação.

Manoel de Barros assume o declínio do rural (*aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar entre pedras e lagartos*). A então ministra valoriza o rural como local de origem da comida da nossa mesa e de onde se exportam alimentos para o mundo todo. Ele mantém o vínculo com o campo (*fujo para o Pantanal*), proximidade que ela não explicita – ou silencia. O poeta se submete ao campo (*os bois me recriam*) e expõe uma relação de dependência com o ambiente rural – é do campo que nasce o brilho de sua poesia.

Kátia Abreu institucionaliza o campo no trabalho do ministério e deixa transparecer um certo estranhamento com a estrutura governamental. Esse sinal é observado no uso da primeira pessoa do singular em quase todo o enunciado – *Pensei muito em cada um, Falei pensando nelas, Quando eu penso no produtor rural, tenho em mim...* – exceto nos momentos em que se refere diretamente à nova função: *o que farei essa ministra na pasta, é essa a minha maior motivação para falar sobre quem eu sou, como vou trabalhar e as metas que o MAPA tem para o setor agropecuário e para o Brasil*. A locutora evita assumir expressões (ou compromissos) como “o que farei na pasta” e “as metas que tenho para o setor”.

Natural que as escolhas lexicais de Manoel de Barros remetam a termos poéticos. Entretanto, na tentativa de construir o *ethos* de figura identificada com o ambiente rural, Kátia Abreu também recorre a um vocabulário de base poética, adotando termos e expressões que suavizam o discurso político: *a necessidade mais forte que um sonho; eu carrego dentro de mim o mesmo amor e orgulho de quando pisei no chão batido de terra pela primeira vez*.

Ao construir uma narrativa que busca aproximá-la da rotina do homem do campo, a locutora também rejeita a ideia de um ministério frio, um prédio na esplanada. Para isso, procura associá-lo ao *ganha-pão* dos sujeitos que produzem alimentos – a própria escolha dessa expressão indica outra tentativa de popularizar e simplificar sua fala.

Retomando Blikstein (2006), todo discurso apresenta seus lados direito e avesso. Ao destacar qualidades, o enunciador esconde defeitos. A partir dessa premissa, observo

o não-dito pelos locutores, como o momento em que a ex-ministra se refere à *pasta que cuida de uma área que não é de governo, é muito mais*. Se o discurso político enaltece o “ser mais que governo”, há uma leitura de que “ser governo” seria insuficiente.

A fala política de Kátia Abreu não se dirige ao público rural, ao homem do campo, embora essas famílias sejam citadas (*pensando nelas*) como forma de legitimação do *ethos*. A única sinalização do interlocutor está em *Assista ao vídeo – você, seguidor do perfil da senadora no Facebook, sujeito urbano, conectado e interessado em política*.

O interlocutor de Manoel de Barros é o indivíduo interessado em literatura. Desse público, filtram-se aqueles afeitos à poesia e, entre esses, os que se identificam com o estilo poético e regionalista do enunciador. O homem do campo no discurso poético é o próprio locutor – “eu”: *me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios; herdei uma fazenda de gado; fujo para o Pantanal onde sou abençoado a garças*. O *ethos* está inscrito na poesia e a provável intenção do enunciador é revelar detalhes de sua vida mostrando suas origens.

Os rurais descritos por Manoel de Barros e Kátia Abreu coexistem e, de certa forma, se complementam e se confrontam. O poeta destaca os bichos, as árvores, os rios, a natureza; a senadora ressalta a produção de alimentos, a lida, o trabalho duro. Os discursos coadunam-se com a realidade brasileira (e mundial) que envolve o avanço da agricultura: quanto mais se intensifica a produção de alimentos, mais a natureza é degradada⁷.

Considerações finais

Dois rurais emergem da análise de discurso que realizei neste estudo. Um deles exalta o rural produtivo, pujante, onde milhões de homens e mulheres trabalham duro para oferecer alimentos à população mundial (discurso político); o outro, proveniente do discurso poético, resgata elementos constitutivos da natureza típicos do ambiente rural – aves, árvores e rios – e alerta para o declínio dessa ruralidade.

⁷ Vejo aqui o eterno dilema entre o setor produtivo e os ambientalistas. Na busca pelo equilíbrio entre as duas correntes, o Brasil vem investindo em pesquisas sobre a agricultura sustentável, que permita o incremento da produção de alimentos com o mínimo dano possível ao ambiente.

As duas narrativas foram avaliadas em perspectivas comparativa e complementar. Do ponto de vista da complementaridade, a leitura permite inferir que o rural se transforma na medida em que a natureza perde espaço para a produção agrícola, o que se justifica pela necessidade de alimentar os habitantes do planeta e de movimentar a economia. O próprio poeta, criado no Pantanal rural, reconhece que não faliu porque herdou uma fazenda de gado, da qual, provavelmente, tirava seu sustento. Essa realidade, no entanto, não altera sua essência: “Os bois me recriam” (BARROS, 2015, p. 89).

Na abordagem comparativa, a AD indica que os rurais retratados pelos discursos político e poético apresentam semelhanças e diferenças. Admitindo *ethos* como a fusão de identidades discursiva e social, observo que o sujeito pode ser confundido com aquilo que fala (CHARAUDEAU, 2008). O *ethos* construído pelo poeta reveste-se de autenticidade quando ele expõe, em poucas linhas, sua intimidade com o ambiente rural, onde foi criado; já o *ethos* concebido pela ex-ministra coaduna-se com a estratégia política da persuasão: ela procura demonstrar que será capaz de desenvolver um trabalho mais humanizado no ministério e, para isso, tenta estabelecer uma relação de proximidade com o ambiente que a legitime para o cargo que acabara de assumir.

A autenticidade desse *ethos* é contradita pelo próprio enunciado da autora, que assume o discurso em primeira pessoa durante quase toda a postagem (*recebi, sinto, pensei muito, falei*), porém, ao se referir ao ministério, demonstra certo estranhamento, alterando a escrita para a terceira pessoa – *essa ministra e o Mapa*.

Considerarei ainda a relevância dos gêneros discursivos para a análise, bem como a relação dos enunciados com as circunstâncias em que foram encenados – em especial os dispositivos midiáticos que sustentam a construção de sentidos. Nessa última análise, que merece ser aprofundada, verifica-se que o texto do poeta veiculado pela internet se mostra incompleto em relação ao enunciado da mídia livro. Enquanto multiplica seu potencial de visibilidade na rede, o poema sofre alterações e supressões que os internautas vão desconhecer se não tiverem acesso ao dispositivo impresso. Essa constatação pode subsidiar estudos que avaliem a credibilidade e a qualidade das informações disponibilizadas na internet. Tema pertinente para futuras pesquisas.

Referências bibliográficas

3 POEMAS de Manoel de Barros. **Globo Rural**, São Paulo, 13 nov. 2014. Disponível em: <<http://revistagloborural.globo.com/Noticias/noticia/2014/11/veja-3-poemas-de-manoel-de-barros.html>>. Acesso em: 3 jun. 2017.

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a Literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Formacao-de-leitores1.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BLIKSTEIN, Izidoro. Análise semiótica do discurso político e empresarial. In: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William (Orgs.). **Análise do discurso: gênero, comunicação e sociedade**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso/UFMG, 2006. p. 119-132.

BOCCHINI, Bruno. Pesquisa mostra que 58% da população brasileira usam a internet. **Agência Brasil**, 13 set. 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2016-09/pesquisa-mostra-que-58-da-populacao-brasileira-usam-internet>>. Acesso em: 24 jun. 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. Informar em que circunstâncias? Os dispositivos de enunciação. In: _____. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 104-125.

_____. O *ethos*, uma estratégia do discurso político. In: _____. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2008. p.113-119.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução: Fabiana Komesu. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FIORIN, José Luiz. Enunciação e comunicação. In: FIGARO, Roseli (Org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 45-78.

IZIQUÉ, Claudia. O novo rural brasileiro. **Revista Fapesp**, abr. 2000, n. 52. Disponível em: revistapesquisa.fapesp.br/2000/04/01/o-novo-rural-brasileiro/. Acesso em: 25 jun. 2017.

MAIO, Ana Maria Dantas de. **A retórica do campo: um estudo sobre a comunicação nas cooperativas de café**. 2005. 158 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) –

Universidade Estadual Paulista), Bauru, 2005. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/89395>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

_____. **O papel da comunicação face a face nas organizações no contexto da sociedade midiaticizada.** 2016. 291 p. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In: _____. **Discurso e leitura.** 6. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 101-118.

PINTO, Milton José. **Comunicação & discurso.** São Paulo: Hacker Editores, 1999.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho:** uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **As estratégias sensíveis:** afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

Van DIJK, Teun Adrianus. **Discurso, notícia e ideologia:** estudos na análise crítica do discurso. Famicão: Campo das Letras, 2005.